

## *Valor*, terça, 22-03-05

### **Desenvolvimento sustentável faz sentido**

Colunista José Eli da Veiga



**JOSÉ ELI  
DA VEIGA**

A atual profusão de usos do adjetivo "sustentável" induz muita gente a ver nisso um reles modismo. De fato, a banalização chegou a tal ponto que até já se comenta matrimônio de celebridades perguntando: será que essa relação pode ser sustentável? É, então, natural supor que tal mania terá destino idêntico ao do "bambolê", termo que permanece bem definido nos dicionários, mesmo que não haja mais brincalhões girando aros de plástico em torno do corpo.

No entanto, há razões para que prognóstico diametralmente oposto seja o mais correto. Pelo menos sobre o destino da expressão "desenvolvimento sustentável", a melhor previsão é de que ganhará cada vez mais sentido. E que essa tendência não se alterará enquanto permanecer a ameaça de que sociedades atuais sofram colapsos semelhantes ao que liquidaram muitas civilizações antigas. O principal exemplo é o dos maias, cuja população chegou a 50 milhões antes de literalmente se destruir. É a consciência do risco de que semelhante ecocídio possa ocorrer com sociedades contemporâneas que legitima esse desejo coletivo de que desenvolvimento venha a ser sustentável. Isto é, que o crescimento econômico respeite os limites da natureza, em vez de destruir seus ecossistemas. E que dê, assim, uma chance às gerações futuras de que também possam progredir.

Até o finalzinho dos anos 1970, sustentabilidade era um conceito circunscrito à biologia populacional, usado principalmente em pesquisas sobre manejo da pesca e de florestas. Já se demonstrou, por exemplo, que uma gestão inteligente das atividades pesqueiras permitiria que a humanidade tirasse muito mais peixe dos oceanos sem provocar corrosão de seus estoques. No entanto, com a manutenção das recorrentes práticas predatórias atuais, é certeza de que essa fonte de proteína estará em breve comprometida. Tragédia, pois o pescado fornece hoje 40% de todas as proteínas (vegetais e animais) consumidas dos países do Sul, além de ser o maior manancial protéico de mais de um bilhão de asiáticos.

Quando aplicada ao manejo da pesca, é fácil explicar e entender o sentido da palavra sustentabilidade. Mas isso deixou de acontecer desde que foi transferida, por analogia, para o processo de desenvolvimento como um todo. A novíssima expressão "desenvolvimento sustentável" foi publicamente empregada pela primeira vez em agosto de 1979, em Simpósio das Nações Unidas sobre as inter-relações entre recursos, ambiente e desenvolvimento. E começou a se legitimar como o maior desafio deste século, quando Gro Harlem Brundtland, a presidente da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento a caracterizou como um "conceito político" perante Assembléia Geral da ONU de 1987.

#### **Consciência do risco ecológico legitima desejo de que crescimento respeite limites e dê chance de progresso às gerações futuras**

A lembrança dessa gênese impõe uma pergunta: o que fez com que um restrito conceito da biologia populacional, que permanecia ignorado pela maioria dos mortais até o início da década de 1990, passasse rapidamente a ser usado com tanta desenvoltura para qualificar o desenvolvimento? Qualquer resposta que se encontre para tal indagação evidenciará a existência de sólida base material para tão brusca inovação retórica. Há pelo menos uma dúzia de problemas ambientais suficientemente sérios para que cenário de colapsos semelhantes ao dos maias não possa ser descartado. E não adiantará encontrar solução para alguns desses problemas sem que se consiga resolver os outros. Mesmo que se reduza a velocidade do aquecimento global, por exemplo, mas sem enfrentar a questão da água, esta sozinha poderá destruir sociedades contemporâneas.

Se o leitor vê nessa idéia um piffo alarmismo, é bom que leia a última obra do premiado biogeógrafo Jared Diamond "Colapso: Como as sociedades decidem fracassar ou progredir". Felizmente está nas listas dos mais vendidos dos principais jornais americanos, garantia de que não tardará a aparecer sua tradução brasileira ("Collapse: How societies choose to fail or succeed", Nova York: Editora Viking, 2005). Depois de minuciosas análises sobre as circunstâncias que levaram numerosas sociedades antigas a cometer ecocídio, Diamond mostra as semelhanças com o que está ocorrendo em Ruanda, no Haiti, na República Dominicana, na China, e mesmo na Austrália. E na parte final agrega duas reflexões cruciais para todos os responsáveis por decisões políticas, empresariais ou sindicais, mesmo que não tenham tempo ou paciência para agüentar as 416 páginas precedentes.

Diversos motivos induziram grandes sociedades a fazer opções desastrosas. Algumas foram incapazes de antecipar um grave problema, por não conservarem a memória de calamidades anteriores, ou por terem feito falsas analogias com situações conhecidas. Outras não se deram conta de que o problema já se manifestava, seja pela insuficiência do conhecimento científico, por absentismo das elites que poderiam tomar as boas decisões, ou porque o problema se manifestou como uma lenta tendência marcada por desconcertantes flutuações. Todavia, também houve muitos casos em que a opção pelo desastre decorreu do comportamento racional das elites no poder, cujos interesses específicos se chocavam aos do restante da sociedade. E é claro que também houve ocorrência de comportamento irracional, principalmente por motivações religiosas. Finalmente, em situações bem mais raras, sociedades puderam identificar o problema, entendê-lo e tentar resolvê-lo, mas infelizmente ele estava acima de sua capacidade de combate.

Ao abordar a situação das sociedades contemporâneas, Diamond dá toda a ênfase ao crucial papel desempenhado pelos dirigentes das grandes empresas, principalmente daquelas diretamente envolvidas na extração e uso de recursos naturais. Em conclusão que talvez irrite boa parte dos militantes ambientalistas, ele diz que a responsabilidade pelos atuais comportamentos predatórios do "big business" é, em última instância, dos consumidores e do público em geral. Pois costumam ser rapidíssimas as mudanças no comportamento ambiental das grandes empresas sempre que realmente se manifesta forte pressão social na direção necessária.

**José Eli da Veiga, professor titular do departamento de economia da FEA/USP, escreve mensalmente às terças. Página web:**

<http://www.econ.fea.usp.br/zeeli>